



O papel da comunicação visual como referência para localização no espaço urbano

Visual communication as a point of reference for analyzing locations and urban space

Karoliny Gomes Miranda, Fátima Aparecida dos Santos

design, cidade, urbano, comunicação visual, representação

Nesta pesquisa busca-se investigar o modo como são dispostas as comunicações visuais ao longo das vias do Distrito Federal, considerando os aspectos distintivos entre o Plano Piloto e as Cidades Satélites. A pesquisa nasce da observação de percursos realizados, utilizando o transporte público (ônibus) entre a Rodoviária do Plano Piloto e o Riacho Fundo. Buscou-se analisar como o modo e a disposição das comunicações visuais ao longo desse caminho evidenciam aspectos identitários e como o design ocorre como índice de características como: liberdade, direito à cidade, características culturais entre outras. O método foi inspirado no trabalho de Néstor Canclini "Imaginários Urbanos". O objetivo foi compreender como os signos manifestos na cidade informam sobre sua população, inclusão e exclusão, gentrificação e ascensão.

design, cities, urban, visual communication, representation

Within this research project, elements of visual communication used along the streets in the Federal District/Brasília, were analyzed, taking into account the distinctive aspects of the area "Plano Piloto" (city center) and the surrounding satellite cities. The research is based on findings which were collected during trips with public transport (bus), along the track from central station to the platform of Riacho Fundo. The evaluation of the modes and dispositions of visual communication elements used along this track allowed for an analysis of aspects of social identity and characteristics such as freedom, rights within the city/space of living, cultural characteristics, inter alia. Nestor Canclini's "Imaginários Urbanos" has been the inspiration for choosing the method of analysis. How do signs within a city inform about its population, inclusion or exclusion, gentrification and social rise – that is the main question of this research project.

1 Introdução

Brasília está situada no Distrito Federal, cercada de regiões administrativas conhecidas como Cidades Satélites. Conta com o trânsito diário de uma população que visita o plano para diversas atividades como estudo, trabalho e lazer. Tal população chega à cidade utilizando diferentes meios de transporte como ônibus, metrô, carro e bicicletas. Não existem pontos de conexão ou regiões contínuas e sim uma área protegida em torno do Plano Piloto que opera como borda e filtro. A partir da travessia dessa borda observa-se uma mudança estrutural e arquitetônica assim como nas comunicações visuais, sinalizações e mobiliários urbanos. Também é possível verificar o modo como a paisagem urbana modifica-se dependendo do tipo de trânsito ou de transporte utilizado.

Brasília foi uma cidade projetada para abrigar duzentos e cinquenta mil habitantes, o projeto inicial não considerou as possibilidades de expansão urbana e regional. Os migrantes que vieram para a construção da cidade se instalaram as suas margens dando início as cidades satélites, sendo a primeira delas o Núcleo Bandeirante.

No desenvolvimento dessa pesquisa percebeu-se que sobre a cidade construída existem outras presentes no imaginário dos transeuntes. No trânsito entre as cidades satélites é possível observar que elas se comunicam pelo trânsito diário das pessoas. Uma cidade invadindo a outra a ponto de não sabermos mais aonde terminam, como é o caso de Ceilândia e Taguatinga, dois centros que já estão completamente integrados. Já para entrar no Plano Piloto existe uma borda, um limite espacial, que dialoga com a diferença estrutural, arquitetônica e social.

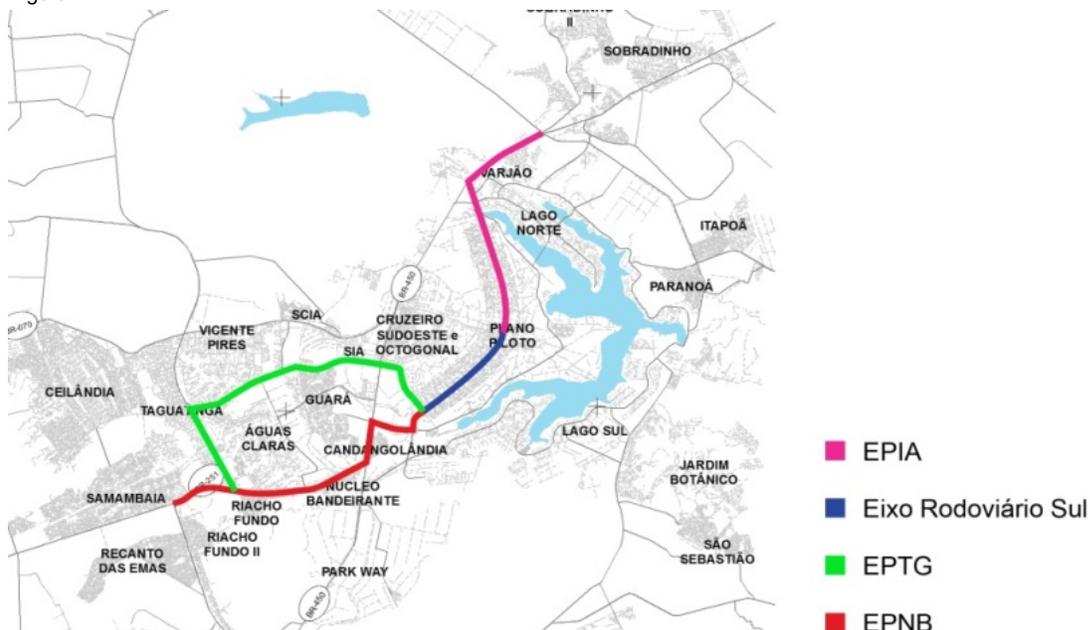
Os autores estudados apoiam a relação de que o homem é produto e produtor do meio. Ele impregna o espaço com suas memórias e costumes, construindo uma história. Ou seja, as cidades satélites foram edificadas a partir de todo o conhecimento que seus habitantes traziam consigo.

Brasília também se constitui a partir de seus habitantes, mas ela nunca teve a liberdade de expressão que as cidades satélites tiveram. A cidade não está necessariamente parada no tempo, mas em ritmo desacelerado, diferente do entorno que parece uma tradução do pós-moderno. Nas cidades satélites observa-se certa liberdade de uso de fachadas e empenas.

2 Método

Escolheu-se analisar as comunicações visuais presentes nos trajetos realizados entre Brasília e algumas cidades Satélites. Analisou-se o caminho que liga as cidades de Samambaia, Recanto das Emas, Riacho Fundo I e II e Núcleo Bandeirante ao Plano Piloto.

Figura 1



Ao percorrer as vias foram feitas fotografias, buscando registrar as comunicações visuais ao longo dos trajetos. Utilizou-se máquinas fotográficas digitais e câmeras de celulares.

Registro

Viu-se a necessidade de fotografar de dentro de meios de transporte, especificamente de ônibus por ser o principal meio utilizado pelos moradores das cidades satélites para se deslocar para Brasília. Permitindo observar como os usuários apreendem o espaço.

Brasília possui um plano visual pré-determinado desde sua concepção, diferente das cidades satélites que nasceram do improviso, logo das fotografias capturadas foram escolhidas aquelas que demonstravam essa dualidade.

Após o percurso e o registro fotográfico realizou-se a comparação das fotos, a fim de verificar os contrastes entre as comunicações visuais de Brasília e do entorno. Apesar de inúmeras viagens realizadas entre o Plano Piloto e as Regiões Administrativas se escolheu o trajeto da EPNB (Estrada Parque Núcleo Bandeirante) por ser o mais representativo, contendo o maior número de Regiões Administrativas conectadas.

3 Desenvolvimento

Apontamentos teóricos

A fundamentação teórica desse trabalho é baseada em autores que têm em comum o estudo do espaço urbano e a percepção deste pelo usuário. Procurou-se explorar a interrelação homem e espaço através da qual o significado de cidade é produzido e reproduzido pelas práticas e atividades dos usuários (LYNCH, 2011:113).

É por meio do pensamento de Lynch (2011:105) que pode-se entender a proposição de uma gramática para a estruturação da cidade ideal, única e harmoniosa. Ele constrói um plano visual no qual as qualidades das formas dos mobiliários urbanos podem ser trabalhadas por um design na elaboração de um espaço inconfundível que fomente o imaginário urbano.

Os espaços urbanos são caracterizados pela complexidade de suas formas e funções, sempre sofrendo mudanças decorrentes dos seus tipos de usos. A cidade é edificada a partir da sobreposição de imagens construídas pelos usuários nas suas experiências ao integrar-se ao espaço.

A imaginabilidade urbana encontra-se estreitamente relacionada com a qualidade do ambiente. O espaço deve ser organizado de modo que as qualidades de suas formas sejam únicas, singulares e de caráter nítido (LYNCH, 2011:103).

Já Canclini (2010) se propõe a pensar as cidades contemporâneas pelos espaços simbólicos e imaginários que se originam da relação com a multiculturalidade de seus habitantes. O autor estuda as megalópoles, cidades complexas que abarcam uma enorme multiculturalidade e que passam por um processo contínuo de crescimento, proporcionado pela globalização. Aponta a importância da infraestrutura imaterial para pensar a cidade na atualidade, assim os meios de comunicação e toda a complexidade digital vêm modificando os hábitos culturais e as estratégias de consumo.

As cidades centralizadas passam a polinucleadas (2010:88), formadas por vários centros econômicos que se comunicam pelos meios de transporte, mídias e por trocas de serviços.

Do método de trabalho de Canclini (2010:126) utilizou-se a construção de etapas claras para coleta de imagens, análise e busca por pistas do modo como os imaginários se formam no deslocamento diário dos habitantes e na apreensão e utilização do espaço. Tal método permite

entender as experiências vividas no tráfego diário incentivando a construção de interpretações sobre a cidade.

Harvey (2014) exemplifica a importância do pensamento utópico na contemporaneidade o que evidencia a força política da mudança e alternativas que contraponham à lógica destrutiva inerente ao processo de globalização. Para o autor todos podem ser arquitetos rebeldes em potencial, buscando o espaço para a reflexão crítica e a autotransformação na sociedade. O pensamento “rebelde” proposto por Harvey (2009) opera de modo dialético, pois é transformador do mundo do mesmo modo que esse mundo transformado modifica o ser.

Segundo Ferrara (1986) a cidade contemporânea é pluricentralizada e vive um constante processo de crescimento tanto vertical como horizontal. É uma unidade perceptiva formada por um conjunto de signos independentes que interagem dando forma e significado a totalidade do espaço urbano.

Os centros urbanos, marcados pela velocidade dos novos meios de comunicação, são um coletivo que apresenta um espaço público globalizado, sem fronteiras ou limites sociais rígidos, mas fluido e flexível.

Os usuários da cidade a leem a partir de correlações contextuais construindo seu significado. Percebe-se que se trata de um processo dialético no qual ao mesmo tempo em que o usuário apreende e interpreta espaço ele opera como linguagem, modificando o contexto urbano.

Instrumentos de análise

A fotografia

Quando em um veículo em movimento uma pessoa passa por um processo de imersão na paisagem, ela se torna única e corre como se não tivesse fim, assim como afirma Lynch, que fala que o urbano não possui mais fronteiras e já está invadindo nossas casas a ponto de não sabermos mais até onde ele se estende. Nesse percorrer todo o nosso sistema de percepção é ativado, os sentidos são os principais atores dessa experiência. Esses momentos são construções sociais agregadas de significados e memórias.

A fotografia representa o congelamento do tempo e permite a construção do imaginário proporcionando ao habitante imaginar qual a dimensão social daquele momento e, como seria a continuação daquele espaço. Quando se descreve um ambiente para alguém, não é dada uma imagem pré-estabelecida, como o cinema que projeta o imaginário de outra pessoa, o indivíduo a partir dos seus conhecimentos e experiências já vividas imagina como aquele espaço se configura.

Comparação das Imagens

Na (Figura 2), observa-se que não há uma regulamentação quanto à forma e função, o ponto de ônibus e a pilastras da passarela assumem a função de mural, com propagandas e pinturas. É possível perceber como não há estudos arquitetônicos e estéticos na estrutura da parada. A disposição das informações, em mobiliários urbanos, nessa área mostra (Figura 3) improvisação e espontaneidade, características vinculadas ao desenvolvimento histórico das cidades satélites. É importante perceber que a comunicação visual presente tem como prioridade chamar atenção de quem circula pelo lugar, para isso utiliza-se de cores, tipografias e proporção chamativas. Podem ser intituladas como poluição visual, tal paisagem adquire uma qualidade alegórica, entretanto o aspecto caótico não causa estranhamento ou choque.

Figura 2



Figura 3



Já na segunda imagem percebe-se o modernismo de Oscar Niemeyer, simétrico e minimalista. O tombamento de Brasília controla seu espaço urbano. A estética da parada está vinculada à arquitetura, com neutralidade e previsibilidade, reforçando uma unidade. Destaca o caráter estático da estrutura, porque enquanto a parada da Candangolândia é fluida e mutável essa tem a característica de bloco, rígido que se destaca em meio a uma paisagem limpa. Quanto aos aspectos visuais e informacionais é possível perceber o controle, uma paisagem higienizada que abomina a poluição visual. A estrutura tem a dupla função de parada de ônibus e entrada da estação do Metrô. Observa-se que existem as informações referentes ao metrô, azulejos decorativos e uma propaganda.

É possível observar que há mais zelo com o visual das informações dispostas em Brasília do que nas Cidades Satélites. No Plano Piloto a publicidade é controlada pelo Plano Diretor de Comunicação Visual, ele rege o modo como essas informações são expostas, determinando tamanho e espaços específicos em mobiliários urbanos.

A baixa frequência de publicidades permite que as imagens sejam mais criativas, normalmente elas têm baixa concorrência informacional, podendo ter um design gráfico discreto e bem articulado com o meio.

Diferente do que ocorrer nas cidades satélites, onde as propagandas procuram ganhar destaque e visibilidades entre várias outras. A importância não é dada aos aspectos do design de informação, mas sim a uma redundância formal que configura um espaço caótico de comunicação.

A sistematização aqui proposta permite a análise dos elementos estético-formais das comunicações visuais dispostas nas vias: tipografia, cor, fotografia, etc. Objetiva-se registrar as dualidades entre Brasília e as cidades satélites, entendendo para quem as informações das vias são dedicadas e se cumprem os seus papéis.

Figura 4



O outdoor na imagem 3 está localizado no Riacho Fundo, via EPNB. Embora o formato tradicional de outdoor no Brasil tenha o tamanho de 9,00 x 3,00 metros, este apresenta o formato aproximado de 9,00 x 4,5 metros.

A estrutura da arte é dividida em três módulos: a marca, composta por elementos textuais e não textuais; elementos textuais, nos quais não é possível identificar o que está escrito devido ao reduzido corpo da fonte utilizada; informação textual de telefone e endereço do estabelecimento.

Figura 5



É dirigido principalmente às pessoas que se deslocam rapidamente pela via por algum tipo de meio de transporte. Por isso as proporções são grandes para que permita a visualização da peça a longas distâncias e ofereça tempo suficiente para leitura.

A falta de conhecimento com que este outdoor foi elaborado só o permite operar como mídia auxiliar. A linguagem básica já indica seu objetivo, por exemplo, os dois elementos que mais se destacam na composição são a marca, "Campeão da construção", que informa o setor de atuação no mercado e o número de telefone a partir do qual é possível obter mais informações.

Não há harmonia entre os elementos e o destaque fica apenas aos elementos da direita, a diagramação e a qualidade da informação posicionada à esquerda permite questionar sobre a sua real importância. Quanto à hierarquia de informações, mesmo que exista variação de tamanhos tipográficos, ocorre um desequilíbrio porque a ordem de leitura não segue o fluxo natural do olhar, os elementos da esquerda não possuem força semântica para atrair a atenção e a apreensão da informação reside apenas na leitura do nome da empresa e do telefone.

Grande parte desse outdoor é composto por cores frias, contraste entre branco e verde. Ele perde qualidade ao distrair o leitor da mensagem principal pelos elementos de cores quentes presentes na composição, como o contorno da imagem em laranja e a estrutura do outdoor que possui um elemento em vermelho.

A percepção dos matizes de determinada cor se alteram quando ela sofre a influência de outras dentro de um mesmo espaço. Cores quentes são expansivas, tendendo a ilusão de que os objetos estão maiores e se aproximam mais do leitor, observação não favorável a este outdoor, pois a informação que realmente precisa ser lida perde lugar para elementos não essenciais.

É recorrente nos outdoors dispostos na EPNB o uso de cores quentes como cores predominantes e para destaque de informação, contrastando com cores frias cuja função é direcionar o olhar para a mensagem desejada, como nos exemplos (Figura 6).

Figura 6



A tipografia é um dos principais elementos da composição na imagem 3. Elas permitem a compreensão da mensagem, pois os aspectos gráficos que deveriam dar destaque a mensagem se perderam. As fontes utilizadas não apresentam grandes diferenças estruturais, são fontes capitulares e sem serifa, mas que se diferem pelo peso, tamanho e cores. O destaque da informação se estabeleceu principalmente pela hierarquia dos elementos.

Durante todo o trajeto entre o Riacho Fundo e o Núcleo Bandeirante os outdoors fazem propagandas de uma variedade de setores e serviços. Mesmo que estes não fiquem localizados na região. A exemplo a imagem 3 que faz referência a uma loja na Ceilândia. Diferente do Plano Piloto onde não existe nenhuma informação, por exemplo, sobre o que as superquadras possuem, reforçando a afirmação de que quem não conhece aquele espaço acaba perdido na sua homogeneização.

A imagem (Figura 7) está localizado em um mobiliário urbano em Brasília, no Eixo Rodoviário sul. Segue o formato aproximado de 1,20 x 0,9 metros. Dedicada a quem utiliza o transporte público para se deslocar pela cidade, este tipo de publicidade fica disposta em paradas de ônibus. A tendência delas é transformar a espera do ônibus em algo agradável, com a utilização de elementos que interagem com o usuário e divulgam a marca ao mesmo tempo.

A estrutura da arte é dividida em dois módulos: a fotografia, composta por elementos não textuais que proporciona uma aproximação singular com o consumidor, despertando o interesse

e a atenção de possíveis clientes para o produto apresentado logo abaixo; e, os elementos textuais e não textuais, como a marca e apresentação do produto.



Figura 7

Assim como o outdoor essa mídia mantém o conceito básico como mídia auxiliar, transmitindo uma informação que leva a outra mais completa. Pouco texto, a linguagem é básica e objetiva, no caso o elemento de destaque, a fotografia, é utilizada para atrair a atenção do público, assim, favorecendo a motivação ao desejo do produto que é apresentado no segundo bloco. É possível perceber uma hierarquia entre os elementos dessa composição, estes estão organizados de modo a guiar a leitura do observador conforme a importância atribuída a cada um, no caso o primeiro apresenta a qualidade do produto e logo apresenta o próprio.

Essa propaganda é sintética, pois por meio da exploração de detalhes, a informação é transmitida com um mínimo de elementos visuais, tornando a comunicação mais imediata.

Esse outdoor é essencialmente composto por cores frias, trabalha o contraste entre o branco e o verde, cor predominante da fotografia, para que cada elemento tenha sua importância e momento de visualização. A fotografia entra em primeiro plano e o quadro branco destaca a tipografia e a marca.

Não há diferenças estruturais entre as fontes utilizadas, são fontes sem serifa e peso light, mudando apenas em tamanho para o direcionamento da leitura.

4 Conclusão

Através do método trabalhado, procurou-se obter o olhar sobre a cidade. Olhar tal que Incentiva a construção de interpretações sobre o espaço e seus signos.

A comunicação visual é modificada por essas experiências urbanas. E mostra como uma mensagem presente no espaço pode refletir a tendência da organização social, questão reafirmada pelas diferenças existentes entre as Regiões Administrativas e Brasília.

A análise evidencia as dualidades existentes na cidade, onde a organização espacial é fruto das relações da sociedade com o espaço. O entorno oferece menos controle sobre seus aspectos visuais, apresenta linguagem fluida, mudando constantemente para atender as demandas culturais da sociedade, que estão sempre em processo de mudança. Diferente de Brasília onde a comunicação é influenciada pela organização do espaço, possibilitando a expressão de seus usuários a locais restritos.

Referências

- CANCLINI, N. 2010. *Imaginários urbanos*. Buenos Aires: Eudeba.
- COSTA, L. 1997. *Relatório do plano piloto de Brasília*. Brasília: Inst Arquit Bras.
- FERRARA, L. D´A. 2002. *Design em espaços*. São Paulo: Rosari.
- _____. 2009. *A estratégia dos signos*. São Paulo: Ática, Coleção Princípios.
- _____. 1998. *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. 2. ED. São Paulo: Ed Univ. São Paulo.
- HARVEY, D. 2009. *Espaços de esperança*. São Paulo: Cia das Letras.
- _____. 2014. *Diecisiete contradicciones y el fin del capitalismo*. Quito: Editorial IAEN, 2014.
- LYNCH, K. 2011. *A imagem da cidade*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes.
- PLANO P. 2007. *50 anos: cartilha de preservação de Brasília*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2007.
- SANTOS, F. A. 2007. *Dimensões e linguagens do design gráfico: seleção, organização e sobreposição de mensagens visuais veiculadas no espaço urbano*. Tese de doutorado defendida na PUCSP/Programa de Comunicação e Semiótica.
- SANTOS, M. 1997. *Técnica, espaço e tempo: globalização e meio-técnico científico informacional*. São Paulo: Hucitec.

Sobre os autores

Karoliny Gomes Miranda, UnB, Brasil <karolgm1@gmail.com>

Fátima Aparecida dos Santos, UnB, Brasil <designfatima@uol.com.br>